



Revista Subjetividades
ISSN: 2359-0777
revistasubjetividades@gmail.com
Universidade de Fortaleza
Brasil

A Especificidade da Produção de Conceitos em Psicanálise

Costa Dias, Eliane Aparecida; Tourinho Moretto, Maria Livia

A Especificidade da Produção de Conceitos em Psicanálise

Revista Subjetividades, vol. 20, núm. 2, 2020

Universidade de Fortaleza, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=527569018002>

DOI: <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v20i2.e8224>



Esta obra está bajo una Licencia Creative Commons Atribución 4.0 Internacional.

A Especificidade da Produção de Conceitos em Psicanálise

The Specificity of the Production of Concepts in Psychoanalysis

La Especificidad de la Producción de Conceptos en Psicoanálisis

La Spécificité de la Production de Concepts en Psychanalyse

Eliane Aparecida Costa Dias
Universidade de São Paulo, Brasil
eliane4041@hotmail.com

DOI: <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v20i2.e8224>

Redalyc: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=527569018002>

Maria Livia Tourinho Moretto
Universidade de São Paulo, Brasil
liviamoretto@usp.br

Recepción: 27 Julio 2018
Aprobación: 06 Junio 2020

RESUMO:

Este trabalho discute a produção de conceitos em psicanálise. Com base na premissa de que há uma especificidade na produção de conceitos nesse campo, realizamos uma interlocução pontual com a filosofia no intuito de apreender uma definição mais genérica de conceito, o que nos possibilitou avançar na direção do conceito em psicanálise. Para tanto, percorremos passagens da obra de Freud e de Lacan que nos permitiram verificar que a produção conceitual em psicanálise se define por uma lógica própria e decorrente da especificidade de seu objeto e de seu método. Constatamos que o conceito surge como tentativa de resposta aos problemas que emergem na experiência da clínica, mas a peculiaridade do objeto da psicanálise (a constituição singular do sujeito e do inconsciente a partir da imersão no campo simbólico da linguagem) impõe ao conceito em psicanálise as características de não generalização e de impossibilidade de se chegar a uma definição última e totalizante (condição de inacabamento). O conceito é forjado na passagem da experiência no dispositivo analítico (terapêutica) para a sua formalização (teoria), mas aponta, permanentemente, para uma dimensão do objeto de investigação que está fora da possibilidade de sentido e, assim, escapa ao saber. O real da experiência psicanalítica é, portanto, aquilo que se furta à apreensão pelo conceito.

PALAVRAS-CHAVE: conceito, psicanálise, Freud, Lacan.

ABSTRACT:

This work discusses the production of concept in psychoanalysis. Based on the premise that there is specificity in the production of concepts in this field, we conducted a specific dialogue with the philosophy to apprehend a more generic definition of the concept, which enabled us to move towards the concept in psychoanalysis. For that, we went through passages of Freud and Lacan's work that allowed us to verify that the conceptual production in psychoanalysis is defined by its logic and due to the specificity of its object and method. We found that the concept appears as an attempt to answer the problems that emerge in the clinical experience but, the peculiarity of the psychoanalysis object (the singular constitution of the subject and the unconscious from the immersion in the symbolic field of language) imposes on the concept in psychoanalysis the characteristics of non-generalization and the impossibility of reaching a final and totalizing definition (unfinished condition). The concept is forged in the passage of experience in the analytical (therapeutic) device to its formalization (theory), but it points, permanently, to a dimension of the object of investigation that is out of the possibility of meaning and, thus, escapes knowledge. The real of the psychoanalytic experience is, therefore, that which is avoided by the concept.

KEYWORDS: concept, psychoanalysis, Freud, Lacan.

RESUMEN:

Este trabajo discute la producción de conceptos en psicoanálisis. Con base en la premisa de que hay una especificidad en la producción de conceptos en este campo, realizamos una interlocución puntual con la filosofía con la intención de aprender una definición más genérica de concepto, posibilitándonos avanzar en la dirección del concepto en psicoanálisis. Para tanto, recurrimos a partes de la obra de Freud y de Lacan que nos permitieron verificar que la producción conceptual en psicoanálisis se define por una lógica propia y resultante de la especificidad de su objeto y de su método. Constatamos que el concepto surge como intento de contestar a los problemas que emergen en la experiencia de la clínica, pero la peculiaridad del objeto del psicoanálisis (la

constitución singular del sujeto y del inconsciente a partir de la inmersión en el campo simbólico del lenguaje) impone al concepto en psicoanálisis las características de no generalización y de imposibilidad de llegar a una definición última y total (condición de inconcluso). El concepto de forjado en el paso de la experiencia en el dispositivo analítico (terapéutica) para su formalización (teoría), pero indica, permanentemente, para una dimensión del objeto de investigación que está fuera de la posibilidad de sentido y, así, escapar al saber. Lo real de la experiencia psicoanalítica es, por lo tanto, aquello que se hurta a la aprehensión por el concepto.

PALABRAS CLAVE: concepto, psicoanálisis, Freud, Lacan.

RÉSUMÉ:

Cet article traite de la production de concepts en psychanalyse. Partant du principe qu'il y a une spécificité dans la production de concepts dans ce domaine, une discussion ponctuelle a été menée avec la philosophie afin d'appréhender une définition plus générique de concept, ce qui nous a permis d'avancer vers le concept en psychanalyse. Pour cela, des passages des travaux de Freud et Lacan ont été analysés ce qui nous a permis de vérifier que la production conceptuelle en psychanalyse est définie par sa propre logique et en raison de la spécificité de son objet et de sa méthode. On a pu constater que le concept apparaît comme une tentative de réponse aux problèmes qui émergent dans l'expérience clinique, mais la particularité de l'objet psychanalytique (la constitution singulière du sujet et de l'inconscient à partir de l'immersion dans le champ symbolique du langage) impose au concept en psychanalyse des caractéristiques de non-généralisation et d'impossibilité d'aboutir à une définition finale et totalisante (condition d'inachèvement). Le concept se forge dans le passage de l'expérience chez le dispositif analytique (thérapeutique) à sa formalisation (théorie), mais il pointe en permanence une dimension de l'objet d'investigation qui est hors de la possibilité de sens et échappe ainsi à la connaissance. Le réel de l'expérience psychanalytique est donc ce que le concept évite.

MOTS CLÉS: concept, psychanalyse, Freud, Lacan.

O tema deste artigo emergiu durante o desenvolvimento de uma pesquisa de doutorado acerca do estatuto conceitual da noção de psicose ordinária no marco referencial da psicanálise de orientação lacaniana.

A noção de psicose ordinária é uma hipótese teórica e clínica proposta pela corrente institucional da Associação Mundial de Psicanálise (AMP), desde 1998 (Miller et al., 1999), como tentativa de abordagem de casos considerados inclassificáveis nas clássicas categorias de diagnóstico da psicanálise: sintomas que não preenchem claramente os critérios de formação substitutiva e de mensagem simbólica da clínica da neurose, mas também não configuram os fenômenos elementares clássicos da psicose, como desencadeamento, alucinações, delírios e automatismo mental. Desde sua proposição, a psicose ordinária tem mobilizado um intenso debate, que se insere no cenário mais amplo do debate em torno da questão do diagnóstico em psicanálise. Problematicar a posição e a sustentação da psicose ordinária na teoria e na clínica psicanalítica evoca a questão de sua potencialidade como conceito, e nos remete a uma questão anexa fundamental: a definição do que vem a ser “conceito” em psicanálise. Como se dá a produção de conceitos em psicanálise? O que caracteriza um conceito psicanalítico?

Partilhando da tese defendida por Vinícius A. Darriba (2003a, 2003b) de que existe especificidade na produção de conceitos no campo da psicanálise, buscamos identificar na obra de Freud e de Lacan as coordenadas que nos permitem circunscrever tal particularidade. Para isso, retomamos a forma como a noção de conceito é definida e problematizada no campo da filosofia, apontando as formulações que sustentam a caracterização dos conceitos científicos na modernidade. Em seguida, buscamos localizar como a questão da produção de conceitos em psicanálise é pensada por Freud, particularmente em seus textos metapsicológicos, e como Lacan avança nessa discussão em sua forma de retomar os conceitos fundamentais da psicanálise e de formular os conceitos de objeto a e de real.

O CONCEITO NA FILOSOFIA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Conceito, em sua origem no latim *conceptus*, significa “conter completamente”, “formar dentro de si”. “É aquilo que a mente concebe ou entende, ou seja, uma figura do pensamento, uma ideia ou noção,

representação geral e abstrata de uma realidade. (...) uma ‘unidade de conhecimento’” (Dunker, Paulon, & Milán-Ramos, 2016, p. 63). Numa definição geral, segundo o Dicionário de Filosofia, designa:

todo processo que torne possível a descrição, a classificação e a previsão dos objetos cognoscíveis. Assim entendido, esse termo tem significado generalíssimo e pode incluir qualquer espécie de sinal ou procedimento semântico, seja qual for o objeto a que se refere, abstrato ou concreto, próximo ou distante, universal ou individual. (Abbagnaro, 2007, p. 164)

Numa concepção clássica, o conceito comporta duas dimensões: uma compreensão, que remete ao fato de que um conceito determinado se refira justamente a um objeto determinado, ou seja, àquilo que ele compreende essencialmente; e uma extensão, que consiste nos objetos efetivamente existentes que recaem sob o conceito, ou seja, os objetos que o conceito pode abarcar.

Segundo Abbagnaro (2007), a noção de conceito dá origem a dois problemas fundamentais: a natureza do conceito e sua função.

Na filosofia grega, o problema da natureza do conceito foi predominantemente abordado como essência. Desde Aristóteles e de Platão, o conceito é tomado como aquilo que se subtrai à diversidade e à mudança de pontos de vista ou de opiniões, porque se refere às características constitutivas do próprio objeto e, portanto, não se altera. O conceito exprime a essência ou a natureza de uma coisa, o que ela verdadeiramente é (Abbagnaro, 2007).

Com os estoicos, a questão da natureza do conceito ganha uma segunda interpretação: o conceito é um signo do objeto (qualquer que seja) e se acha em relação de significação com ele. Essa perspectiva ganha corpo com a Escolástica e, particularmente, com o filósofo Abelardo (século XII), que, acentuando o caráter predicativo do conceito, afirma que ele não pode ser considerado nem uma coisa (res) nem um nome (vox), tomando o conceito como um sermo (discurso). “Diferentemente da vox, o sermo implica a referência semântica a uma realidade significada.” (Abbagnaro, 2007, p. 166).

No início da modernidade, a questão sobre a natureza do conceito encontra-se polemizada entre o empirismo e o racionalismo. Os autores empiristas (Hume, Locke e Stuart Mill) assumem a explicação psicológica da gênese do conceito como justificativa de sua validade - o conceito forma-se no homem pela ação da abstração ou das leis da associação psicológica. Para os racionalistas, como Descartes e Leibnitz, o conceito une pensamento e matéria (Mora, 2004).

Kant representa um salto na discussão ao propor a distinção entre sensações e percepções, por um lado, e conceitos, por outro. Trata-se de distinguir, ainda, intuições e conceitos. Segundo Kant, as intuições sem conceitos são cegas, e os conceitos sem intuições são vazios. Para que haja conhecimento, é preciso, portanto, que os conceitos sejam aplicáveis a um material “dado” pelas intuições (Mora, 2004). Enquanto síntese produzida pelo entendimento, o conceito (Begriff) é, por assim dizer, o “quadro” no qual se encaixa a experiência possível. Segundo Mora (2004), o sentido kantiano de conceito enquanto “quadro” prolonga-se em boa parte no uso contemporâneo de expressões como quadro referencial ou paradigma.

Com Hegel, o conceito é entendido como um mediador entre o ser e o vir-a-ser. Não uma representação subjetiva pura, mas a própria essência das coisas. De acordo com Dunker, Paulon e Milán-Ramos (2016), para o filósofo, um objeto não precisa se adequar a seu conceito, pois há um processo ou um movimento que reúne objeto e conceito. Esse é o trabalho da teoria, como autorrealização do conceito. Essa ênfase ao papel da teoria mediando a relação entre conceito e objeto abre importante perspectiva para a reflexão que propomos adiante: a particularidade da produção de conceitos em psicanálise.

Segundo os mesmos autores, na contemporaneidade, Frege é quem empreende o esforço de retirar o conceito da interpenetração com noções conexas, como definição, noção, termo, categoria, significação, sentido. Ele se dá conta da existência de uma terceira dimensão entre o pensamento e a linguagem: a dimensão da lógica como sistema de escrita. Reconhecendo que o significado é uma categoria da linguagem, o conceito é uma categoria do pensamento e o predicado, uma categoria da lógica, Frege propõe que a aceção lógica de

conceito implica que “o conceito é o significado de um predicado” (Frege, 1978, citado por Dunker, Paulon, & Milán-Ramos, 2016, p. 70).

O problema da função do conceito foi abordado em duas perspectivas: final e instrumental. A perspectiva da finalidade atribui ao conceito a interpretação como essência, já que a função primordial do conceito seria exprimir ou revelar a substância das coisas. Desse ponto de vista, a função identifica-se com a natureza do conceito. No entanto, se o conceito é tomado numa perspectiva simbólica, admite-se também sua instrumentalidade.

Pela vertente da instrumentalidade, um conceito deve atender quatro exigências (Abbagnaro, 2007):

1. Descrever os objetos da experiência para permitir seu reconhecimento.
2. Classificar os fatos de forma inclusiva e exclusiva em relação ao caso.
3. Organizar os dados da experiência de modo que se estabeleçam entre eles conexões de natureza lógica (dedutivas e indutivas).
4. Prever o comportamento de processos e funções, antecipando a experiência futura à luz da experiência passada.

É fácil reconhecer nessas condições instrumentais a caracterização dos conceitos científicos na modernidade, que se propõem a dar conta da exigência de descrever, classificar, organizar e prever os fenômenos por meio de modelos – simplificações ou idealizações da experiência obtidas levando-se ao extremo caracteres ou atributos próprios dos objetos empíricos (por exemplo, os conceitos matemáticos ou o conceito de termodinâmica); ou de construções – abstrações que não são dadas na experiência, que nem mesmo se assemelham aos objetos dados, mas cuja existência consiste na possibilidade de serem usadas como instrumentos de previsão no contexto de uma teoria (por exemplo, o conceito de campo de elétron na física).

FREUD E O TRABALHO DE PRODUÇÃO CONCEITUAL EM PSICANÁLISE

A questão do conceito na psicanálise configura um problema desde Freud. Darriba (2003a, 2003b) destaca o esforço de Freud, ao longo de toda sua obra, de refletir sobre o que caracterizaria seu trabalho de produção conceitual. Esse mesmo autor afirma que as questões referentes à experiência do conceito na psicanálise dizem respeito a todo psicanalista. Quer se reflita, quer não sobre isso, a forma como cada analista se relaciona com a “conceitografia” psicanalítica influencia os rumos de sua prática clínica. Além disso, a definição de conceito é fundamental para estabelecer os objetivos e métodos da pesquisa em psicanálise, bem como para a extensão, transformação ou criação de conceitos que sustentem a experiência clínica (Darriba, 2003a).

Para tornar ainda mais complexa essa questão, deparamo-nos com o fato de que a teoria psicanalítica tem, como nos dizem Dunker, Paulon e Milán-Ramos (2016, p. 45), “baixos teores de consenso”. O desenvolvimento da psicanálise depois de Freud, a diversidade de leituras e de entendimentos que configuram as diferentes correntes teóricas e, até mesmo, a circulação do vocabulário psicanalítico na cultura tornaram impossível a determinação de um sentido único para cada conceito. Dessa maneira,

o sentido conceitual é sempre determinado pela articulação do conceito com o conjunto da trama teórica, pela experiência da prática, pelas palavras que o enunciam, e até pelo lugar que o referido conceito ocupa, numa dada época, na linguagem da comunidade dos psicanalistas. (Zolty, 1989, p. 9)

Constatamos, então, uma primeira característica do conceito em psicanálise: a falta de uma significação unívoca, o que leva muitos teóricos da epistemologia e da filosofia da ciência a questionarem a vocação da psicanálise como ciência e a validade de sua produção teórica. De seu lado, os teóricos da psicanálise afirmam, desde Freud, que essa falta de univocidade não compromete a coerência da teoria.

Tal afirmação se ancora na clássica definição freudiana de que a psicanálise se define por um método de investigação, um método de tratamento e um conjunto de teorias, em que a produção teórica corresponde à

sistematização dos dados abordados pelo método de investigação e de tratamento (Freud, 1923/1980b). E, por sua vez, isso significa que o conceito psicanalítico surge como uma tentativa de dar conta dos problemas que emergem na experiência que define a psicanálise: um conceito remete necessariamente a um problema que, em psicanálise, só pode ser localizado e abordado na singularidade de um tratamento. Configura-se, assim, uma segunda característica fundamental do conceito em psicanálise: a relação entre conceito e clínica. Uma relação de mútua determinação, pois “se por um lado, os conceitos são criados e transformados em função dos problemas que a experiência clínica configura, por outro lado, a delimitação destes problemas já não é mais independente dos conceitos que a eles respondem.” (Darriba, 2003a, p. 6).

Ainda que atrelado à clínica, em psicanálise, um conceito não tem uma existência autônoma diante da qual o analista deve apenas zelar por sua integridade e aplicabilidade. Como afirma Darriba (2003a, p. 5): “o conceito não é algo a ser aplicado ou reproduzido em uma análise, mas recriado a cada vez que o analista ocupa o seu lugar”. O que define uma terceira característica: a impossibilidade de se chegar a uma definição última.

Em seu texto, Darriba (2003a, 2003b) formula a proposta de que é possível estender a reivindicação de singularidade, que caracteriza a experiência analítica, para o que ele nomeia como uma “experiência do conceito em psicanálise”, ou seja, a produção conceitual em psicanálise se define por uma lógica que lhe é própria e decorrente da especificidade de seu objeto e de seu método. O autor busca localizar essa especificidade da produção conceitual nas obras de Freud e Lacan, reconhecendo que, embora nenhum dos dois tenha chegado a formular um conceito de conceito específico para a psicanálise, a reflexão acerca dessa questão é presente e atravessa a obra de ambos.

É recorrentemente apontada (pelos autores que trabalham a obra freudiana de uma perspectiva epistemológica) a relação de ideal que Freud mantém com o modelo da ciência. Em diversos pontos de sua obra, Freud postula a psicanálise como ciência. Em 1923, por exemplo, abre Dois verbetes de enciclopédia com a seguinte definição de psicanálise:

Psicanálise é o nome de (1) um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo, (2) um método (baseado nessa investigação) para o tratamento de distúrbios neuróticos e (3) uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa nova disciplina científica. (Freud, 1923/1980b, p. 287)

Na conferência de 1933, Freud afirma que a psicanálise seria praticamente incapaz de criar uma *Weltanschauung* (visão de mundo) por si mesma, e nem precisaria, na medida em que, fazendo parte da ciência, poderia aderir à *Weltanschauung* científica (Freud, 1933/1980c, p. 220).

A produção conceitual de Freud certamente é marcada por esse modelo de validade que definiria a produção de conhecimento científico. Mas, segundo Darriba (2003a, p. 9), esses constantes comentários sobre a ciência, para além de evocar determinados parâmetros científicos, expressam a reflexão de Freud sobre sua própria experiência em produzir conceitos.

Assim, as características que, em diferentes momentos, Freud associou à ciência revelariam menos um modelo exterior à psicanálise que teria determinado sua atitude de investigação, ou uma síntese da corrente científica à qual prestou tributo, do que tentativas de fornecer respostas para os problemas com os quais lidou ao produzir conceitos.

Freud argumenta que seus conceitos podem ser descritos e transformados pela verificação. Mas se vale da própria metodologia da ciência para afirmar a especificidade da produção de conhecimento em sua disciplina. Isso é claramente enunciado na introdução de *A pulsão e seus destinos* (1915/1980a):

Não é raro ouvirmos a exigência de que uma ciência deve ser edificada sobre conceitos fundamentais claros e bem definidos. Na realidade, nenhuma ciência começa com tais definições, nem mesmo as mais exatas. O verdadeiro início da atividade científica está na descrição dos fenômenos, que depois são agrupados, ordenados e relacionados entre si. Já na descrição é inevitável que apliquemos ao material certas ideias abstratas, tomadas daqui e dali, certamente não só da nova experiência. (...) Primeiro elas têm de comportar certo grau de indeterminação; é impossível falar de uma clara delimitação de conteúdo. Enquanto se acham nesse estado, entramos em acordo quanto ao seu significado, remetendo continuamente ao material de

que parecem extraídas, mas que na realidade lhes é subordinado. Portanto, a rigor elas possuem o caráter de convenções, embora a questão seja que de fato não são escolhidas arbitrariamente, mas determinadas por meio de significativas relações com o material empírico – relações que acreditamos adivinhar, ainda antes que possamos reconhecer e demonstrar. (...) Mas o progresso do conhecimento também não tolera definições rígidas. Como ilustra de maneira excelente o exemplo da física, também os “conceitos fundamentais” fixados em definições experimentam uma constante alteração de conteúdo. (Freud, 1915/1980, p. 54)

Desse mesmo trecho do texto de Freud, os autores Dunker, Paulon e Milán-Ramos (2016, p. 82) deduzem o que seria o modelo freudiano de como se deveria proceder a análise e a construção de um conceito em psicanálise:

1. A ciência (Wissenschaft) começa pela descrição (Beschreibung), agrupamento, ordenação de fenômenos e proposição de correlações;
2. A própria descrição infiltra algumas ideias abstratas recolhidas em outras fontes;
3. Essas ideias tornam-se conceitos fundamentais (Grundbegriffen) quando expostos ao trabalho repetido de atribuição de significação;
4. Ainda assim, os conceitos contêm “certo grau de indefinição” enquanto são remetidos repetitivamente ao material experiencial;
5. Finalmente, eles se tornam convenções que subordinam o material experiencial;
6. Tais convenções não arbitrarias são determinadas pelo material empírico (empirische Stoffe), resistentes à contradição, mas não à revisão.

Numa interessante investigação sobre a terminologia freudiana, Tavares (2012) destaca a relação que se coloca entre o verbo begreifen (entender, apreender) e seu substantivo mais diretamente aparentado, Begriff (conceito): “quer dizer, o vocábulo conceito (termo técnico) na língua de Freud denota uma busca de ‘agarrar’ determinada noção (Vorstellung)” (p. 8).

A importância dada à questão dos conceitos em psicanálise e a originalidade com que Freud responde à exigência de sustentar epistemologicamente sua produção de conhecimento tomam forma na sua Metapsicologia.¹ Segundo Assoun (1996, p. 13), esse neologismo criado por Freud constitui a superestrutura teórica da psicanálise, mas também sua identidade epistêmica.

É a maneira que a psicanálise realiza sua ambição de ser uma “ciência” no sentido próprio. (...) Mas esse também é o meio de avaliar a especificidade desta episteme que deve estar à altura de seu objeto, o “inconsciente” ao qual ela impõe uma desconstrução incansável.

O termo metapsicologia demarca uma oposição à metafísica, entendida como uma *theoria*, ou seja, um conhecimento sobre a essência e a determinação do ser que constitui uma totalidade fechada em si mesma, e que determina uma visão de mundo, configurando, portanto, uma doutrina. A metapsicologia freudiana, por sua vez, se apresenta como ponto de chegada de um conhecimento formulado com base em hipóteses necessárias para superar a experiência; versa sobre modelos (aparelho psíquico, teoria da pulsão, teoria geral das neuroses) e está permanentemente aberta à refutação da clínica. Assim, corresponde ao conjunto dos conceitos fundamentais (Grundbegriffe) da psicanálise – conceitos que fundamentam o corpo teórico da psicanálise e sustentam outros conceitos (Assoun, 1996; Bercherie, 1988).

Com a metapsicologia, Freud reivindica para a psicanálise um modo próprio de produção de conhecimento. Não é, portanto, nem uma teoria científica, nem uma teoria filosófica, nem uma visão de mundo. Na forma como trabalha, particularmente, os conceitos de Pulsão e Inconsciente, podemos apreender outra característica fundamental do conceito psicanalítico: o estatuto de inacabamento, ou seja, a impossibilidade de o conceito psicanalítico alcançar uma total e definitiva apreensão da realidade com a qual lida. Uma condição de “provisoriamente” determinada não por uma limitação ou incapacidade epistemológica, mas por seu próprio objeto – o inconsciente, a pulsão, o sexual.

Darriba (2003a) demonstra essa característica do conceito, em psicanálise, acompanhando na obra de Freud a elaboração do conceito de realidade. Segundo o autor, no trabalho de investigação da etiologia da neurose, Freud percorre o caminho que vai da ênfase no realismo do acontecimento traumático à introdução da realidade psíquica. Se o conhecimento científico aborda uma realidade fora de nós e passível de descrição fenomenológica, para a psicanálise, a questão da realidade se apresenta como um problema:

(...) quando Freud introduz a realidade psíquica em detrimento da realidade do acontecimento traumático, e quando em seguida se vê diante da necessidade de delimitar uma realidade que não seja redutível a esta realidade psíquica, observamos que ele sempre é lançado a um ponto novo, não coincidente com os anteriores. Se, por um lado, uma concepção da realidade não se substitui progressivamente a outra, por outro lado, as idas e vindas configuram sempre uma nova coordenada para pensar o problema da realidade em psicanálise. (Darriba, 2003a, p. 72)

Na elaboração da noção de fantasia, passando pela noção de das Ding e pelos dualismos processo primário/ processo secundário, adulto/infantil e, principalmente, pulsão de vida/pulsão de morte,² Freud chega à constatação de que, para a psicanálise, a realidade só pode ser pensada como o que não é totalmente acessível. Na experiência de conhecimento, o Eu se depara sempre com uma dimensão da realidade que resiste, inacessível à representação (ou seja, a dimensão inconsciente).

Esse aspecto resistente da realidade não é alheio ao processo de conhecimento, antes se evidencia através dele. O ato falho, o chiste, o sonho e o sintoma presentificam algo que se faz ausente, uma dimensão do saber que está fora do campo constituído pelo sistema consciente/pré-consciente. Essa experiência do “saber que falta” é inerente à experiência analítica, demarcando sua singularidade: o que se dá nessa experiência ultrapassa, necessariamente, aqueles que dela fazem parte e aquele que está em posição de pensá-la (o analista). O conhecimento em psicanálise se produz a partir do que a ele resiste, o que lhe confere essa condição singular de impossibilidade de totalização, de inacabamento.

À medida que seu objeto impõe uma tal dimensão da realidade, o processo de produção de conhecimento em psicanálise é permanentemente reorientado pela clínica, o que confere ao conceito essa marca de “inacabamento” como contrapartida a um real que se furta à apreensão. Uma impossibilidade de totalização que responde ao que distingue a experiência analítica. A conclusão de Darriba (2003a) é que Freud chega à constatação da dimensão da “falta” no conceito. E, segundo o autor, dessa constatação freudiana, Lacan avança na direção de conceituar essa dimensão da falta como um elemento primordial ao processo de constituição do sujeito e do próprio inconsciente.

O CONCEITO EM PSICANÁLISE COM LACAN

Lacan se distingue de Freud por não acreditar no ideal da ciência para a psicanálise:

É conhecida a minha repugnância de sempre pela denominação “ciências humanas”, que parece ser a própria voz da servidão. Até porque o termo é falso, excetuada a psicologia, que descobriu meios de se perpetuar nos préstimos que oferece à tecnocracia, e até, como concluiu com humor realmente swiftiano um artigo sensacional de Canguilhem, numa deslizada de tobogã do Panteão à Chefatura de Polícia. Aliás, é no nível da seleção do criador na ciência, do recrutamento da pesquisa e de sua manutenção, que a psicologia deparará com seu fracasso. (Lacan, 1966/1998, p. 873)

Lacan parte do caráter de inacabamento da produção conceitual em psicanálise, pontuada por Freud, para destacar aí o que garante sua permanente possibilidade de revisão, mas também para depreender da trama conceitual psicanalítica um objeto inédito. À afirmação de que o objeto se furta à apreensão pelo conceito, Lacan busca fazer disso um conceito, ou seja:

Diante da fatalidade de um encontro faltoso entre conceito e objeto, Lacan não relega ao inefável a parte inacessível do objeto, contentando-se com o que nele pode se supor apreensível. É justamente a esta falta que seu pensamento se dirige. Nela reside, afinal, a essência mesma do objeto que define a psicanálise. (Darriba, 2003a, p. 87)

Sua forma de pensar a conceituação em psicanálise é evidenciada em seu Seminário 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (Lacan, 1964/1988). No início desse seminário, Lacan se propõe a abordar os fundamentos da psicanálise como práxis, interrogando o estatuto conceitual a ser dado a quatro dos termos introduzidos por Freud como conceitos fundamentais – inconsciente, repetição, transferência e pulsão. Ao apresentar sua proposta de retomar os fundamentos da psicanálise, Lacan critica a perspectiva positivista de abordagem dos conceitos pela ciência, mas questiona, também, os psicanalistas pósfreudianos em sua relação “quase religiosa” com os termos deixados por Freud. E Lacan se pergunta: “(...) existem conceitos analíticos de uma vez por todas formados?” (p. 17).

(...) nossa concepção de conceito implica ser este sempre estabelecido numa aproximação que não deixa de ter relação com o que nos impõe, como forma, o cálculo infinitesimal. Se o conceito se modela, com efeito, por uma aproximação da realidade que ele foi feito para apreender, só por um salto, por uma passagem ao limite, é que ele chega a se realizar. (Lacan, 1964/1988, p. 25)

Particularmente ao abordar o conceito de inconsciente, Lacan aponta a perspectiva com que aborda a noção de conceito em psicanálise. Questiona o “um” que é introduzido pela experiência do inconsciente: “Aqui brota uma forma desconhecida do um, o Un de Unbewusste. Digamos que o limite do Unbewusste é o Unbergriff – não o não conceito, mas o conceito de falta” (Lacan, 1964/1988, p. 30). Portanto, onde habitualmente se declararia o limite do que é conceituável, Lacan identifica a radicalidade do conceito expressa no conceito de falta.

Acompanhando o raciocínio de Lacan ao longo desse seminário, chama a atenção o modo como os quatro conceitos – inconsciente, repetição, transferência e pulsão – se entrelaçam, se interpenetram, se remetem entre si. Lacan define e desenvolve cada conceito a partir da relação aos outros três. Talvez porque Lacan esteja buscando circunscrever uma mesma ideia através de sua releitura desses quatro conceitos freudianos, ou seja, afirmando o ponto que marca o seu passo além de Freud com a conceituação do real e do objeto a; afirmando a delimitação do real como a dimensão do ser que não cessa de não se escrever (Miller, 1997).

O real é, portanto, aquilo que se furta à apreensão pelo conceito. Mas é através do próprio conceito psicanalítico que o real se atualiza. “Esse real, onde o encontramos? É, com efeito, de um encontro, de um encontro essencial, que se trata no que a psicanálise descobriu – de um encontro marcado, ao qual somos sempre chamados, com um real que escapole” (Lacan, 1964/1988, p. 55).

Darriba (2003a) dá consistência a essa afirmação rastreando na obra de Lacan o desenvolvimento do conceito de objeto.³ O autor nos mostra que, partindo do objeto de desejo em Freud, no Seminário 4: A relação de objeto (Lacan, 1956-57/1995), Lacan vai da crítica à relação de objeto ao objeto pela via da falta. E, insistindo em afirmar que o objeto em Freud remete à falta, faz o percurso entre sustentar a falta de objeto e conceber o objeto da falta. O objeto-fetice e o objeto fóbico são seus primeiros passos nessa direção.

No Seminário 7: A ética da psicanálise (Lacan, 1959-60/2008), ao discutir o conceito de Coisa, Lacan afirma que a das Ding freudiana indica a experiência da falta como originária. A falta, portanto, não é relativa a um objeto primordial e perdido, mas está ela mesma na origem da experiência do desejo, ou seja, é sua condição de possibilidade. “A Coisa enquanto ausente é índice da fenda aberta no real pela articulação significante” (Darriba, 2003a, p. 116). Portanto, o objeto, na qualidade de reencontrado, é algo que difere a cada encontro e, por definição, um objeto “sempre outro”. “A concepção de um objeto ‘sempre outro’ implica pensarmos que não há objeto que se sedimente naquele lugar, o que acaba por configurar um vazio” (Darriba, 2003a, p. 66).

No Seminário 11 (Lacan, 1964/1988), ao definir o real como “o que retorna sempre ao mesmo lugar” (p. 52), Lacan chega a um objeto que tem a falta por substância – o objeto a. “Com o objeto a, o conceito se propõe a não emudecer o real que irrompe a cada abertura e fechamento, a psicanálise assumindo um potencial de permanente reinvenção” (Darriba, 2003a, p. 136). Como resto da operação de entrada do vivente na ordem

significante, o objeto a não remete a um objeto empírico, mas à experiência, a cada vez reeditada pelo sujeito desejante, da falta no objeto. E, nessa medida, é causa de desejo.

No Seminário 20: Mais, ainda (1972-73/2008), Lacan articula o objeto ao conceito de gozo, chegando ao objeto a como mais-de-gozar. O objeto a indica igualmente, então, o retorno de algo do gozo. O a tem a ver não com o que é exceção, mas com um gozo que insiste, inclusive na cadeia significante (gozo do sentido, gozo do blá-blá-blá).

Nesse seminário, com as fórmulas da sexualização, nem o universal nem o vazio, o a inscreve o “não-todo”:

Seguindo este viés na leitura da obra de Lacan, identificamos dois momentos distintos no que concerne à relação entre conceito e a falta. Estes momentos distintos, que têm como divisória a introdução do objeto a, localizam as lógicas diversas segundo as quais afirmamos ser pensada a relação entre o conceito e a falta no percurso lacaniano. No primeiro momento, em que o problema do objeto teve por referência a ideia da Coisa, resgatada de Freud, o conceito psicanalítico remeteu a falta a um real excluído. Já com o conceito de objeto a, não se tratou mais do registro de uma exclusão que organiza a trama conceitual, mas deste real que acusa a falta sendo atualizado pelo conceito. (Darriba, 2003a, p. 151)

Dunker, Paulon e Milán-Ramos (2016) nos oferecem outra perspectiva da maneira como Lacan aborda a questão do conceito. Destacam que Lacan articula a epistemologia da psicanálise com as ciências da linguagem. A tese do inconsciente estruturado como uma linguagem o leva à questão do conceito pela via das (im)possibilidades da enunciação. Ele recoloca a questão da especificidade do objeto da psicanálise em termos das relações com a fala e a linguagem, mas, segundo os autores, destacando a via da negatividade que a psicanálise revela.

Segundo esses mesmos autores, por um lado, Lacan acrescenta aos estudos que abordaram a relação dos conceitos com os signos, os fenômenos de obstrução, de fracasso ou negação do sentido, evidenciados por Freud na descrição das formações do inconsciente. Enfatiza o Unbergriff – o conceito do que falta ao conceito para se realizar.

A afirmação de que o sujeito se constitui pela imersão na ordem da linguagem, como efeito da afetação do corpo vivo pelo significante, implica tomar a relação com a linguagem como objeto de investigação, mas numa abordagem metodológica muito específica, que Dunker, Paulon e Milán-Ramos (2016) nomeiam como critério da negação (Verneinung) da transparência do sentido. Portanto, antes de visar à produção de sentido e à comunicação, a linguagem contém tipos específicos de negação da realização do sentido. Pontos de resistência à significação, de instabilidade denotativa (metafórica e metonímica), de impossibilidade de gozo (circunscrito e limitado pelo falo e pelo discurso), de disparidade entre enunciação e enunciado, na medida em que “penso onde não sou, logo sou onde não penso” (Lacan, 1957/1998, p. 521).

Da teoria da defesa (Verleugnung, Versagung, Verdrängung), à teoria da pulsão (Sublimierung, Verkehrung, Wendung), da teoria do desejo (Aufheben, Erinerung, Ducharbeiten) aos conceitos de técnica (Gegenstand, Übersetzung, Widerstand), a psicanálise comporta-se como uma teoria da ação negativa da linguagem, ou como uma teoria da opacidade do sentido. Estudar a estrutura do sentido a partir do trabalho negativo da linguagem, em suas múltiplas incidências, implica um método baseado na localização das manifestações de não-saber; e, ademais, a suposição de que, nesse ponto de não-saber há uma verdade. (Dunker, Paulon, & Milán-Ramos, 2016 p. 41)

Lacan nos dá, portanto, uma nova característica do conceito em psicanálise: o caráter de não-todo saber, de não-todo submetido à produção de sentido da cadeia significante. O conceito é forjado na passagem da experiência no dispositivo analítico (terapêutica) para sua formalização (teoria), mas aponta permanentemente para uma dimensão do objeto de investigação que está fora da possibilidade de sentido e, assim, escapa ao saber.

Logo, com Lacan, a característica de inacabamento identificada por Freud na produção conceitual da psicanálise é articulada à dimensão real da existência e da experiência, dimensão impossível de significantizar. Afirmar essa condição de não-todo do conceito em psicanálise significa que “o que não está acabado, não é mesmo passível de sê-lo, visto ser este o modo de atualização, no conceito psicanalítico, da realidade para a qual a psicanálise se dirige” (Darriba, 2003a, p. 157).

Seguindo as elaborações de Darriba (2003a, 2003b) ao tomar a construção do conceito de objeto a como paradigma do trabalho de Lacan com a questão do conceito, verificamos que o objeto a é um conceito que faz da falta um fato estrutural da constituição do sujeito, dada a imersão do vivente no campo da fala e da linguagem. Mas o conceito de objeto a coloca a falta, também, no âmago do dispositivo analítico, não apenas porque designa o lugar da falta como origem da experiência analítica, mas porque se dirige à experiência da falta no que ela coincide com a experiência analítica. O conceito de objeto a tangencia o real (como impossível de apreender pelo significante) que incide na experiência clínica.

Talvez por isso, em sua formalização da experiência, Lacan tenha precisado recorrer à álgebra dos matemas e à topologia.

Por fim, no Seminário 11 (1964/1988) Lacan alerta, ainda, para o risco de que os conceitos analíticos sejam tomados numa relação imaginária com a teoria:

A manutenção quase religiosa dos termos dados por Freud para estruturar a experiência analítica, a que se remete ela? (...) Na verdade, a manutenção dos conceitos de Freud no centro de toda discussão teórica nessa cadeia fatigante, fastidiosa, ingrata – que ninguém lê além dos psicanalistas – que se chama literatura psicanalítica, não impede que se fique muito por fora em relação a eles que, na maioria, são falseados, adulterados, rompidos, e que os que são muito difíceis sejam pura e simplesmente engavetados. (p. 17)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deste percurso pela obra de Freud e de Lacan constatamos que, se o conceito científico é uma sistematização do material empírico que permite descrição, organização e previsão, para a psicanálise, em função da especificidade de seu objeto (o encontro do ser falante com a linguagem e seus efeitos), a produção conceitual apresenta especificidades:

- A relação com a clínica: o conceito surge como tentativa de resposta aos problemas que emergem na experiência do dispositivo clínico. Essa relação não é unilateral, na medida em que a formulação do conceito não é apenas sistematização da clínica, mas afeta e engendra a própria experiência. Para além de uma relação de correlação, de determinação recíproca, entre conceito e clínica há uma relação de correspondência – a lógica de estruturação do conceito guarda correspondência com a lógica de estruturação da experiência da clínica.
- O conceito tem uma dupla vertente: simbólica, enquanto articulação de significantes e produção de significação; e real, enquanto dimensão que se faz pela negatividade, pela impossibilidade de pleno sentido.
- O conceito engendra uma abstração singular: à medida que o objeto da psicanálise é refratário à fenomenalização e seu método não permite replicação e generalização, o conceito psicanalítico não comporta a característica de universalidade pretendida pelos conceitos científicos. Trata-se de uma operação de abstração que é sempre singular, atualizada a cada caso, a cada vez.
- A relação com a impossibilidade: na medida em que dá substância ao furo do real, implica na impossibilidade de um sentido unívoco, na impossibilidade de se chegar a uma definição última, isto é, na impossibilidade de conter um saber todo, de totalização.
- A relação com o desejo do analista: como o conceito não tem uma existência autônoma, a relação entre analista e a “conceitografia” psicanalítica não é de mera aplicação. O conceito tem que ser experienciado e problematizado a cada vez que o analista ocupa esse lugar no dispositivo analítico. O desejo do analista, definido por Lacan em seu Seminário 11 (1964/1988, p. 260) como “um desejo de obter a diferença absoluta”, ou seja, um desejo de fazer advir a radical singularidade do sujeito implicada em seu sintoma, seu desejo e seu singular modo de gozo, é o que permite ao analista dar suporte à transferência e à experiência que se desenvolve na direção de um tratamento analítico. É,

também, o que permite ao analista sustentar uma relação de não-todo saber com a teoria psicanalítica, mantendo a prática clínica e a teoria em uma relação permanentemente moebiana.

O conceito em psicanálise designa o furo (não-todo) constituinte da experiência analítica ao mesmo tempo em que é em si mesmo uma experiência de não-todo. Como sugere Darriba (2003a), o conceito de conceito em psicanálise poderia ser transmitido topologicamente pela figura do toro: a formulação do conceito gira, ao mesmo tempo, em torno de seu próprio buraco circular e do buraco central que lhe configura a existência (buraco central que lhe é, ao mesmo tempo, interno e externo).

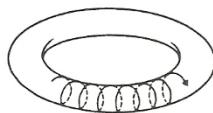


FIGURA 1.

Toro

Chemama, 2007, p. 367

Como salientamos na introdução deste trabalho, a questão em torno do conceito em psicanálise se impôs no âmbito de uma investigação sobre o estatuto teórico da noção de psicose ordinária. O detalhamento da problematização dessa hipótese teórico-clínica ultrapassaria o escopo deste trabalho, mas a reflexão sobre o conceito em psicanálise nos permitiu estabelecer algumas questões-chave com que interrogar a literatura sobre psicose ordinária:

- Qual a razão de ser da noção de psicose ordinária? Que desafio teórico torna necessária sua existência? De que problema ela constitui solução?
- Como se constitui essa tentativa de solução?
- Os fatos clínicos a que a psicose ordinária vem responder configuram uma essência (conceito em intenção) ou apenas extensão de um conceito já existente?

Para além dos subsídios às pesquisas orientadas pela psicanálise, a especificidade dos conceitos em psicanálise revela-se uma importante questão que permeia a teoria e a clínica psicanalíticas desde a obra de Freud. Constatamos que a produção conceitual em psicanálise se define por uma lógica própria e decorrente da especificidade de seu objeto e de seu método. O conceito em psicanálise surge como tentativa de resposta aos desafios e impasses que emergem na experiência da clínica, mas a peculiaridade do objeto da psicanálise (a constituição singular do sujeito e do inconsciente a partir da imersão no campo simbólico da cultura e da linguagem) impõe ao conceito a condição de inacabamento e de não totalização de saber. Uma condição decorrente do que é próprio da experiência analítica - o real como elemento primordial ao processo de constituição do sujeito e do próprio inconsciente e como o que faz furo a todo saber.

A forma como cada analista se relaciona com a “conceitografia” psicanalítica influencia a direção em que conduz sua prática clínica, assim como a relação que estabelece com a sustentação e a revisão da teoria psicanalítica.

A problematização da especificidade dos conceitos em psicanálise tem, portanto, implicações epistêmicas, clínicas e éticas, e nos convoca ao trabalho.

REFERÊNCIAS

- Abbagnaro, N. (2007). Dicionário de Filosofia (5ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Assoun, P. L. (1996). Metapsicologia freudiana: Uma introdução. Rio de Janeiro: Zahar.
- Bercherie, P. (1988). Génesis de los conceptos freudianos. Buenos Aires: Paidós.

- Chemama, R. (2007) *Dicionário de psicanálise*. São Leopoldo: Unisinos.
- Darriba, V. A. (2003a). O que é produzir conceitos em psicanálise: Investigação em Freud e Lacan. Tese de doutorado, Programa de pós-graduação em teoria psicanalítica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.
- Darriba, V. A. (2003b). O conceito psicanalítico e a problematização da realidade fora de nós. *Psychê*, 7(11), 165-181.
- Dunker, C. I. L., Paulon, C. P., & Milán-Ramos, J. G. (2016). *Análise psicanalítica de discursos: Perspectivas lacanianas*. São Paulo: Estação das Letras e Cores.
- Freud, S. (1980a). As pulsões e suas vicissitudes. In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, 137-167). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1915)
- Freud, S. (1980b). Dois verbetes de enciclopédia. In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 18, 285-312). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1923)
- Freud, S. (1980c). A questão de uma *Weltanschauung*. Novas conferências introdutórias sobre psicanálise (conferência XXV). In J. Strachey (Ed.), *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 22, 193-220). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1933)
- Lacan, J. (1995). *Seminário, livro 4: A relação de objeto (1956-57)*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1998). A instância da letra no inconsciente (1957). In J. Lacan, *Escritos* (pp. 496-533). Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (2008). *Seminário, livro 7: A ética da psicanálise (1959-60)*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1988). *Seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (1998). A ciência e a verdade (1966). In J. Lacan, *Escritos* (pp. 869-892). Rio de Janeiro: Zahar.
- Lacan, J. (2008). *Seminário, livro 20: Mais, ainda (1972-73)*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Miller, J-A. (1997). Contexto e conceitos. In R. Feldstein, B. Fink & M. Jaanus (Orgs.) *Para ler o Seminário 11 de Lacan: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (pp. 15-28). Rio de Janeiro: Zahar.
- Miller, J-A., De Georges, P., Henry, F & Jolibois, M. (org.) (1999). *La psychose ordinaire: La convention d'Antibes*. Paris: Agalma/Le Seuil.
- Mora, J. F. (2004). *Dicionário de Filosofia* (4ª ed., Tomo I (A-D)). São Paulo: Edições Loyola.
- Tavares, P. H. (2012). O vocabulário metapsicológico de Sigmund Freud: Da língua alemã às suas traduções. *Pandaemonium*, 15(20), 01-21.
- Zolty, L. (1989). Como definir um conceito psicanalítico. In: J. D. Nasio, *Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise* (pp. 9-10). Rio de Janeiro: Zahar.

NOTAS

- 1 A coletânea *Artigos sobre metapsicologia* reúne a parte da obra freudiana que se propõe a enunciar as hipóteses, conceitos e princípios fundamentais da teoria psicanalítica, sem os quais a experiência clínica seria incompreensível. A partir dos comentários de James Strachey na nota de introdução, sabemos que o projeto original abarcaria doze trabalhos, dos quais, cinco artigos chegaram a ser publicados: *A pulsão e suas vicissitudes* (1915); *Recalque* (1915); *O inconsciente* (1915); *Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos* (1916 [1915]); e *Luto e Melancolia* (1917 [1915]).
- 2 Esse percurso de Freud é minuciosamente desenvolvido por Darriba (2003a), mas o detalhamento dessa discussão foge ao propósito deste texto.
- 3 O detalhamento dessa trajetória de análise pode ser acompanhado no texto original. V.Darriba, 2003a